

Formação do docente em EAD

JACQUES VIGNERON*

RESUMO

Este texto apresenta, analisa e avalia o programa de “Introdução à docência em EAD” da UMESP. Depois de apresentadas a estrutura e a estratégia do curso, destaca-se a necessidade do trabalho de equipe na organização de programas a distância, de um cronograma, de um fórum de debate para os participantes e de roteiros de estudo rigorosos.

Palavras-chave: Avaliação. Cronograma. Educação a Distância. Equipe, Formação docente, Fórum. Professor.

* Doutor em Literatura comparada pela Universidade de Paris VIII (Vincennes). Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Gestor do programa de capacitação docente em EAD da UMESP.

VIGNERON, J. **Formação do docente em EAD**. In BARIAN PERROTTI, E. M.; VIGNERON, J. **Novas Tecnologias no contexto educacional: reflexões e relatos de experiências**. São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 2003.

INTRODUÇÃO

Sem grandes milagres nem apoteoses, assim começou o cristianismo. Jesus escolheu 12 apóstolos que o acompanharam durante 3 anos. Ouviram os ensinamentos do Mestre, participaram da sua vida nômade nos caminhos da Palestina. De vez em quando, quando não prestavam atenção, recebiam broncas. Juntando a teoria e a prática, Jesus mandou seus discípulos fazer um estágio. “Tendo reunido os Doze, ele lhes deu poder e autoridade sobre todos os demônios e lhes concedeu curar as doenças. Enviou-os a proclamar o Reino de Deus e fazer cura” (Lucas 9,1-2).

A formação não é uma invenção atual. Não há grandes ações humanas sem uma formação prealável. Já há mais de 20 séculos, Jesus sentiu a necessidade de formar seus discípulos. Nas primeiras décadas do cristianismo, os apóstolos vão ser os “multiplicadores” da doutrina do Mestre. Não podemos iniciar grandes obras de educação do homem sem primeiro investir na formação de educadores multiplicadores. Por isso o Centro de Educação Continuada e a Distância (CEAD) da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), uma Universidade confessional, sentiu que não somente a implantação da Educação a Distância (EAD) passava pelo investimento em novas tecnologias mas também e prioritariamente pela formação de professores multiplicadores.

O CONTEXTO

O programa “Introdução à Docência em EAD” nasceu no Grupo de Trabalho em EAD, que congrega professores das áreas de educação e comunicação e espe-

cialistas da área de Informática. O grupo, que se reúne todas as semanas, administrativamente está ligado ao Centro de Educação Continuada e a Distância (CEAD). Um dos seus projetos mais importantes é a implantação da EAD na UMESP e depois na rede Metodista do Brasil. Para atingir este objetivo, o primeiro passo a ser dado foi a implementação de um programa de capacitação docente. No 2º semestre de 2001, um primeiro curso de “Introdução à docência em EAD” foi planejado e realizado. Esta primeira experiência foi essencialmente presencial, com tarefas on-line. Infelizmente, no fim dessa primeira tentativa de formação de professores para a EAD, a coordenadora do projeto saiu da UMESP.

Em 2002, o Grupo de Trabalho e o CEAD solicitaram-nos que assumíssemos a coordenação pedagógica deste projeto e repensássemos o programa de formação dos docentes. Aceitamos esse desafio porque sabíamos que primeiro podíamos contar com o apoio do Grupo de Trabalho. Depois era esta uma oportunidade de valorizar todo o investimento realizado por nossa linha de pesquisa do programa de mestrado e doutorado da Pós-graduação em Comunicação: EDUCOMIDIA. Mas mesmo assim a construção do programa representou um investimento enorme, exigindo muitas horas de trabalho teórico e prático. O primeiro passo foi a constituição de uma equipe composta de um responsável administrativo, de um gestor e coordenador pedagógico, de um tutor, de um designer e de um responsável pelo portal, pessoal que já estava trabalhando no CEAD ou eram ex-orientandos da linha de pesquisa Educomídia.

A NECESSIDADE DA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES PARA A EAD

Antes de analisar e avaliar esse programa de capacitação docente, queremos reforçar a necessidade da Formação do Professor para a EAD. Belloni (1999: 84) agrupa as funções docentes em três grandes grupos:

O primeiro é responsável pela concepção e realização do curso e materiais; o segundo assegura o planejamento e organização da distribuição de materiais e da administração acadêmica (matrícula e avaliação); e o terceiro responsabiliza-se pelo acompanhamento do estudante durante o processo de aprendizagem (tutoria, aconselhamento e avaliação).

Um dos primeiros passos da formação do professor consiste em tomar consciência destes três grupos e em se preparar para exercer essas funções de maneira colaborativa. Perguntar-se: como, nos programas de EAD, aprender a comunicar-se e a colaborar com os outros participantes do programa? Como realizar verdadeiros trabalho de grupo sem o “face a face” e na ausência de fatores como a afetividade na interação?

A formação deve preparar os professores para a inovação tecnológica e suas conseqüências pedagógicas. Temos que considerar que muitos professores não receberam nenhuma formação para integrar as novas tecnologias da informação e da comunicação no seu trabalho pedagógico e que, em muitos casos, o medo faz rejeitar essas novas possibilidades. Fazemos nossas as perguntas da professora Lígia Karam Corrêa de Magalhães, da UFRJ:

Terão os professores formação para vislumbrar a necessária ampliação, construção e (re)construção de novos saberes? Estarão preparados para olhar além dos muros da escola, para aproveitar e explorar o conhecimento que o aluno traz consigo, o de que vem em busca? Conseguirão visualizar um futuro próximo, em que seus alunos irão atuar e, com base nisto, dar-lhes condições de inserção no mercado de trabalho? E serão capazes de fazer isto tudo levando em consideração que as tecnologias da comunicação e da informação estão cada vez mais presentes no nosso cotidiano e, por conseguinte, devem, de alguma forma, ser garantidas no processo ensino-aprendizagem? (Corrêa Magalhães, 2001: 117).

A Introdução à Docência em EAD nas Universidades não deveria ser um ato isolado, mas algo integrado ao plano de Formação permanente dos docentes, se é que existe. Em outro espaço, sustentamos que,

para manter uma escola superior na ponta do ensino e da pesquisa, é necessário ter um plano de formação permanente para o conjunto desta instituição. É necessário lutar contra a estagnação e a rotina. A formação permanente surge como o meio mais eficaz e talvez o único de lutar contra o processo burocrático, doença diagnosticada como mortal para toda a sociedade e para o organismo social. (Vigneron 1997: 183)

A instituição que não ingressar na EAD não estará mais na ponta do ensino. Por isso urge que as universidades tenham planos sérios de formação permanente e que integrem prioritariamente a capacitação à docência em EAD nesses programas.

Uma das nossas maiores preocupações é a formação de tutores: “dar aula a 50 alunos durante duas horas é um trabalho para o qual qualquer docente latino-americano está preparado. Atender a 50 alunos ao

longo de um curso por via eletrônica (suas perguntas particulares, suas produções individuais, seus problemas de compreensão diferentes, suas expectativas singulares) é um problema que ainda não estamos preparados a enfrentar". (Maggio, 2001: 108) "O tutor se encontra diante de uma tarefa desafiadora e complexa. Como prepará-lo para desenvolvê-la? A formação especializada é imprescindível". (idem: 103) Sentimos essa necessidade de uma formação especial para o tutor. Por causas das suas responsabilidades, "torna-se imprescindível que o orientador acadêmico tenha uma formação especial, em termos dos aspectos político-pedagógicos da educação a distância e da proposta teórico-metodológica do curso que ajudará a construir." (Cavalli Neder, 2000: 213) Demonstrando a importância do tutor, ele é chamado de orientador acadêmico.

A ORGANIZAÇÃO E A ESTRATÉGIA DO CURSO

O Curso de Introdução à Docência em EAD é constituído de 11 unidades de trabalho, 3 presenciais e 8 a distância, representando um mínimo de 6 a 8 horas de trabalho para os 25 professores participantes desta formação.

Cada unidade começa por uma orientação, que comporta palavras-chave, permitindo investigação na web, referências bibliográficas e links de busca. Cada roteiro é formado de textos de leituras obrigatórias em livros, revistas e hipertexto, trabalhos práticos (questionários sobre os textos, curtas resenhas críticas, relatos de experiências, micropesquisas no ambiente de trabalho dos professores participantes) e fórum de debate. No fim do curso cada professor ou grupo de professores deve apresentar um projeto de curso a distância de curta

duração, que servirá de base para continuar o programa de capacitação docente.

Os roteiros de cada unidade são preparados e entregues com uma semana e meia de antecedência ao coordenador administrativo do curso que, com um designer, edita a unidade à disposição dos participantes todas as sextas-feiras à tarde. A animação dos fóruns, o aconselhamento, a avaliação e os controles são assumidos pela tutora do curso. Cada semana ela apresenta um relatório e uma síntese dos trabalhos de fórum. No fim do curso os participantes são convidados a preencher um questionário que comporta perguntas sobre a qualidade do curso e sobre a atuação da equipe de coordenação. O questionário comporta igualmente perguntas, permitindo ao participante se auto-avaliar.

Depois do primeiro curso de Introdução à Docência em EAD, foi realizado um curso intensivo no contexto da UMESP, com a finalidade de preparar docentes para um projeto de dependência a distância e, em setembro de 2002, foram iniciados novos 4 cursos: um na UMESP, um nas Faculdades Centenário, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, um na Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC) e um fora das fronteiras, em Montevideu, no Uruguai, no Instituto Crando. Estes quatro cursos estão reunindo mais de 120 professores. Com esses cursos constatamos que o nosso projeto se estende na rede Metodista (Centenário e Crandon) e fora dela, com a UNOESC. Neste último caso, o nosso trabalho foi conhecido graças ao trabalho realizado na Pós-graduação em Comunicação, na linha de Pesquisa Educomídia.

OBJETIVOS E CONTEÚDOS DO CURSO

Além do objetivo geral – preparar docentes da UMESP ou de outras unidades para planejar e administrar cursos de EAD –, a Introdução à Docência em EAD comporta, segundo uma nomenclatura nossa, objetivos cognitivos, objetivos operativos e objetivos comportamentais. No fim do curso, no campo cognitivo, o professor participante possui um referente teórico básico sobre a EAD, o ciberespaço e o hipertexto. No campo operativo, o professor passa a ter um domínio mínimo das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação, bem como capacitação para planejar e administrar um curso a distância de curta duração e também para elaborar exercícios para a EAD. Enfim, deve adquirir novos comportamentos no cotidiano da sala de aula.

Os principais temas abordados durante o curso são: o gerenciamento do tempo e o estudo a distância; projeto de formação permanente e projeto de vida; do texto ao hipertexto: derrubando as paredes; o papel do professor gestor e do professor tutor na EAD; o papel do aluno; a EAD como aprendizagem colaborativa apoiada por computador; criação de um meio ambiente virtual de apoio ao estudo e à aprendizagem; o universo brasileiro da EAD; planejamento de um curso a distância; a escolha de estratégia pedagógica; a avaliação num curso on-line.

AVALIAÇÃO

A avaliação dos projetos de EAD é uma necessidade. Ela está no coração dos projetos. Segundo Litwin (2001:19),

os diferentes programas de educação a distância costumam propor sistemas de avaliação do projeto com a finalidade de detectar êxitos e desacertos, ratificar ou retificar linhas de ação e apontar para o aprimoramento permanente das atividades desenvolvidas no âmbito dos cursos. Por outro lado, é importante avaliar, de modo formal ou informal, o impacto do projeto no campo em que se insere. Ao mesmo tempo, deve-se destacar a necessidade de contemplar o reconhecimento dos efeitos não perseguidos e não previstos da implementação do projeto ou programa. Em mais de uma oportunidade, antes de sua implementação, desconhecemos os possíveis destinatários ou a utilização que pode ser feita, em outros âmbitos ou níveis, dos materiais do projeto. Para reconhecer essas questões, é necessário conceber um programa de avaliação que permita identificá-las e valorizá-las. Avaliar os materiais antes da sua utilização, tanto do ponto de vista da qualidade dos conteúdos como das propostas de ensino, da concepção gráfica, do valor das atividades que favoreçam os processos de construção de conhecimento, do grau de legibilidade, etc., é um aspecto relevante dos projetos. Indubitavelmente, ouvir a opinião dos destinatários a respeito das dificuldades ou dos acertos do projeto é imprescindível, tendo em vista que permite identificar os êxitos e os problemas para seu aprimoramento.

Este texto de Litwin mostra a complexidade da avaliação no processo educativo da EAD. Por isso ainda é difícil fazer uma avaliação profunda desta experiência. Por enquanto só podemos avaliar de maneira relativamente superficial a partir dos primeiros questionários, das reflexões que aparecem nos fóruns, das discussões nas reuniões da equipe organizadora e com os próprios alunos. Pensamos que, no primeiro semestre de 2003, a partir de todo o material já reunido, teremos a possibilidade de realizar uma avaliação mais profunda.

REFLEXÕES

A NECESSIDADE DO TRABALHO DE EQUIPE

Com as novas tecnologias de informação e comunicação, novos hábitos estão se incorporando à vida das pessoas, implicando novos produtos e serviços, novas formas de trabalho e novas competências profissionais. A necessidade de aprender neste mundo está levando à busca de alternativas educacionais, abrindo novos espaços para a educação a distância com novas tecnologias. Para atuar na EAD, não basta o professor ser competente na sua área de conhecimento: ele precisa, além disso, ter fluência tecnológica e dominar a arte de trabalhar em equipe. A relação entre professores (gestor e tutor) e equipe técnica é primordial. As funções de cada um precisam ser bem determinadas. No curso piloto, a equipe era composta de um gestor, um tutor, um administrador, um webdesigner e um assistente técnico. O sucesso do curso foi devido à capacidade de integração da equipe. Cada um respeitava a função do outro e o diálogo era permanente facilitador pelo diálogo on-line. Talvez uma das maiores riquezas tenha sido a integração entre os mais velhos e os mais novos. O gestor tinha 70 anos, e a assistente técnica, 20; cada geração ingressou com sua riqueza. Aliás, costumamos dizer que, se o mais velho tem a experiência, o mais novo tem o questionamento, levando o grupo a uma dialética do realismo e da utopia.

A NECESSIDADE DE UM CRONOGRAMA RIGOROSO

O ritmo semanal parece bom e de manejo bastante rigoroso, mas implica tanto do lado da equipe coordenadora como do lado dos alunos administrar o tempo

com bastante rigor. Por isso mesmo o debate sobre o gerenciamento do tempo faz parte integral da primeira unidade pedagógica. “Gerenciar o tempo”, segundo Landsberger, “significa estabelecer e seguir um planejamento de estudo que vise priorizar os estudos em um contexto de atividades competitivas no trabalho, na família, etc.” (ver www.iss.stthomas.edu/studyguides/portuguese/gerenciamento.htm).

A equipe de coordenação deve estabelecer um planejamento rigoroso do seu trabalho e ser escrupulosa no cumprimento da agenda de trabalho preestabelecido. Assim, o nosso compromisso era que o professor participante encontrasse a nova unidade pedagógica semanal no fim do expediente da sexta-feira. Para chegar lá, o professor gestor tinha que entregar os materiais até a terça-feira, a fim de que a equipe técnica tivesse a possibilidade de organizar a matéria no portal. Esse cronograma foi rigorosamente executado.

O fato de saber como utilizar o tempo deve ajudar o aluno a planejar e prever o término de um projeto. Aconselhamos o aluno a ter uma lista “faça”, na qual escreve tudo aquilo que tem que fazer e assim decidir o que fazer naquele momento, o que agendar para mais tarde, o que pedir para alguém fazer e o que adiar para mais tarde. Aconselhamos também ter um planejamento diário/semanal, no qual se anota, em caderno ou quadro, por ordem cronológica, compromissos, aulas e reuniões. Sempre deve saber de antemão o que tem para fazer naquele dia; sempre vai para a cama sabendo o programa do dia seguinte. É bom também não esquecer o tempo livre. Enfim, o planejamento de longo prazo é necessário. O planejamento de longo prazo também serve para planejar o tempo livre construtivamente.

A NECESSIDADE DE OFERECER AOS ALUNOS ROTEIROS DE TRABALHO RIGOROSOS

Sem cair no ensino programado, é importante oferecer textos de leitura, mas também pistas de pesquisa e exercícios. O primeiro problema que encontramos é como realizar uma correta seleção bibliográfica.

É necessário assegurar-se de que os materiais de leitura selecionados para o curso respeitam certos critérios básicos; por exemplo, que sejam centrais em relação com os conteúdos da disciplina referida; que sejam acessíveis e legíveis em termos de possibilidade de compreensão dos alunos[...]; que se articulem em uma proposta unitária, e não fragmentária” (Soletic, 2001: 77).

A escolha dos textos é para nós um dos problemas mais importantes. A busca e a seleção têm que ser feitas com muita cautela. Tomamos consciência também de que temos que evitar textos em língua espanhola no Brasil e de língua portuguesa para os cursos em outros países de América Latina. Se a pessoa não tem um conhecimento aprofundado da língua, vai perder grande parte do significado do texto. Por isso contratamos um tradutor bilingüe português/espanhol. Também assinala Soletic que não podemos confundir textos pedagógicos e textos científicos. Não podemos “conceber um espaço destinado ao ensino como se fosse um espaço para a publicação científica” (Soletic, 2001: 79).

O material deve propor ainda atividades em que o aluno põe em jogo seus recursos, estratégias e habilidades e participa ativamente do processo de construção e reconstrução do saber. Soletic propõe vários tipos de atividade: “a resolução de problemas, a análise de casos, a interpretação de posições diversas, a formula-

ção de hipóteses, a elaboração de argumentos e justificativas, o estabelecimento de relações conceituais e de tomada de decisões” (Soletic, 2001: 86).

O nosso programa vai ao encontro das propostas de Soletic. Na exposição da estratégia do curso, uma das nossas propostas era: “Cada unidade comportará textos de leitura obrigatória e trabalhos práticos (questionário sobre os textos, curtas resenhas críticas, relatos de experiências vividas, micropesquisa no ambiente do trabalho do professor) e fóruns de debate.”

OS FÓRUMS DE DEBATE ANIMADOS PELOS TUTORES PERMITEM AOS ALUNOS INTERAGIR

Consideramos o fórum de debate como um elemento fundamental do curso a distância. Ele tira o aluno do seu isolamento. Ele dá acesso a um campus virtual. Mas ele precisa ser corretamente administrado. Vai ser um dos papéis importantes do tutor. Primeiro o gestor, no fim de cada unidade, deve preparar perguntas de fórum bem elaboradas e motivantes que vão gerar o debate no interior do grupo em formação. Depois a animação do fórum pertence ao monitor. Ele precisa orientar os debates, reformular perguntas quando necessário, verificar o grau de participação dos alunos, fazer as sínteses, particularmente a síntese no final de cada unidade. O fórum pode até apresentar um aspecto lúdico e humorístico. Em certos momentos o gestor pode entrar para aprofundar certos aspectos, indicar uma referência bibliográfica, contar algumas experiências de vida. Aliás, o aluno também deve se referir bastante à sua experiência, à sua vivência. O fórum não é o espaço das atividades. No portal elas têm outro espaço. Também para os problemas particu-

lares deve-se encontrar uma caixa de mensagem. Uma das grandes tarefas do tutor vai ser ajudar a evitar a poluição do fórum com tarefas que não têm nada a ver com ele.

A EAD – UMA FORMAÇÃO ESSENCIALMENTE CENTRADA NO ALUNO

Para Belloni, a EAD é um processo educativo essencialmente centrado no aluno:

Um primeiro caminho extremamente importante a operacionalizar em qualquer experiência de EAD é a ênfase na interação entre os estudantes e professores e dos estudantes entre eles; e criação de estruturas de apoio pedagógico e didático ao estudante (tutoria, aconselhamento, plantão de respostas a dúvidas, monitoria para o uso de tecnologias etc...). Estas estruturas são especialmente importantes em um país como o Brasil, onde os níveis de cultura geral e de escolaridade são, de modo geral, pouco elevados, e onde a escola não instrumentaliza os jovens para o exercício da auto-aprendizagem” (Belloni, 1999: 102-103).

Esta visão de Belloni vai ao encontro da nossa definição de educação: “Um projeto contínuo e inclusivo de desenvolvimento das capacidades físicas, emocionais e intelectuais, baseado em valores culturais e morais, permitindo que o indivíduo se relacione com o universo, se torne uma pessoa e um construtor do saber” (Vigneron, 1997: 7). Tal é o nosso desafio quando trabalhamos na formação de professores para a EAD.

CONCLUSÃO

No início do nosso estudo, fizemos referência a Jesus formador dos apóstolos, multiplicador. Por isso, a

educação está nas raízes mais profundas do cristianismo. Gostaríamos de terminar nosso trabalho com uma última referência ao Novo Testamento. Vamos terminar nossa leitura meditando sobre o que talvez poderíamos chamar a carta magna dos educadores multiplicadores. Jesus aproximou-se dos seus discípulos e lhes dirigiu estas palavras:

Toda a autoridade me foi dada no céu e sobre a terra. Ide, pois, de todas as nações fazei discípulos, batizando-os em nome do pai e do filho e do espírito santo, ensinando-os a guardar tudo o que vos ordenei. Quanto a mim, eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos tempos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. Campinas: Autores Associados, 1999. 115 p.
- LITWIN, Edith. Introdução. O bom ensino na educação a distância. In _____. **Educação a distância. Temas para o debate de uma nova agenda educativa**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 9-11
- MAGGIO, Mariana. O tutor na Educação a Distância. In LITWIN, Edith. **Educação a Distância. Temas para o debate de uma nova agenda educativa**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 93-110
- MAGALHÃES, Lígia Karam Corrêa de. Programas TV Escola: o dito e o visto. In BARETTO, Raquel Goulart (org.) **Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas**. Rio de Janeiro: Quartet, 2001, 192 p.
- NEDER, Maria Lúcia Cavalli. Licenciatura em educação básica a distância: projeto expansão NEAD/UFMT. In PRETI, Oreste (org.). **Educação a distância construindo significado**. Brasília: Editora Plano, 2000. 268 p.
- SOLETIC, Angeles. A Produção de Matérias escritos nos Programas de Educação a Distância: problemas e desafios. In LITWIN, Edith. **Educação a Distância. Temas para o debate de uma agenda educativa**. Porto Alegre: Artmed. 2002 P. 73-92.
- VIGNERON, Jacques. **Comunicação interpessoal e formação permanente**. São Paulo: Angellara, 1997. 218 p.